



OPINIÃO

A IA não vem para tirar o seu emprego, mas sim para assumir suas tarefas repetitivas

Sempre que surge uma tecnologia disruptiva, a primeira reação da sociedade é o medo de ser substituída.

Vimos isso nas diversas revoluções ao longo da história e hoje acontece o mesmo com a inteligência artificial. No entanto, se olharmos para a nossa trajetória com um pouco de perspectiva, percebemos que essa apreensão não se concretizou. Algumas de nossas tarefas foram se transformando e, embora pareça que algumas funções tenham desaparecido, na verdade, elas deram lugar a outras mais aprimoradas.

Durante a Revolução Industrial, o trabalho do artesão têxtil foi absorvido pelas máquinas a vapor. No entanto, isso levou à criação de milhões de novos empregos em fábricas que antes eram inimagináveis. Um fenômeno semelhante ocorreu há apenas algumas décadas, com a chegada dos softwares de escritório. Quando planilhas como o Excel se popularizaram, dizia-se que os funcionários administrativos se tornariam obsoletos. No entanto, graças ao fato do software ter assumido os cálculos matemáticos, surgiram disciplinas inteiras, como a análise de dados financeiros, o controle de gestão moderno e o planejamento estratégico.

Hoje, com a Inteligência Artificial, estamos no mesmo ponto de inflexão. A IA está se expandindo com uma força descomunal nos ambientes de trabalho porque, pela primeira vez, temos tecnologia capaz de assumir o trabalho repetitivo. É natural que a primeira reação de uma organização diante da ferramenta seja o medo. Mas justamente, o desafio dos líderes atuais é orientar suas equipes na transição do temor para o hábito por meio do aprendizado contínuo e da prática diária.

Para que a IA deixe de ser vista como uma ameaça, os colaboradores precisam experimentá-la e cometer erros com ela. O hábito se constrói quando o trabalhador entende que a tecnologia não é um auditor externo que vem avaliar seu desempenho, mas um instrumento que ele tem à sua disposição para resolver tarefas em segundos.

O primeiro critério para saber o que delegar à máquina é avaliar o que é repetitivo. Se um funcionário responde à mesma pergunta três vezes por dia com as mesmas palavras, por exemplo, ele está desperdiçando seu potencial. Essa é uma tarefa que a IA resolve com grande velocidade e precisão. Atualmente, as empresas que adotam agentes de IA conseguem liberar, em média, três horas de trabalho por semana por funcionário. Isso significa devolver ao colaborador o tempo necessário para pensar, inovar e resolver problemas complexos.

Gerónimo Maspero (*)

Existe, no entanto, um equívoco conceitual que consiste em acreditar que a IA é uma varinha mágica capaz de resolver desequilíbrios ou dificuldades que a empresa não compreende. Se um problema não puder ser resolvido por uma liderança, mesmo que ele tenha todo o tempo do mundo, a IA também não será capaz de resolvê-lo.

Ou seja, para delegar uma tarefa à inteligência artificial, primeiro é preciso compreender a fundo o problema e sua causa. Se os processos de uma organização forem caóticos, a tecnologia apenas gerará um caos automatizado. O líder deve ser capaz de estruturar mentalmente a solução. Uma vez validada essa lógica pelo conhecimento humano, a máquina pode assumir a execução do trabalho pesado.

Se a tecnologia consegue programar e classificar melhor e mais rápido do que nós, qual é, então, o valor do ser humano na empresa do futuro? A resposta se resume a três pilares: a intenção, o critério e o aspecto relacional.

Em primeiro lugar, a intenção é exclusivamente nossa. A IA é um motor reativo; ela não deseja nada, não tem vontade própria, não se propõe a conquistar um mercado nem a melhorar a cultura de uma equipe. É o ser humano quem traz o propósito, o “por que” fazemos as coisas.

Da mesma forma, surge o critério. Diante de um problema, a tecnologia pode nos oferecer dez soluções diferentes com base em padrões estatísticos. No entanto, é o olhar humano, treinado no contexto, na cultura e na sensibilidade da empresa, que tem o discernimento e o julgamento para escolher a opção que melhor se encaixa à identidade da companhia. Dessa forma, os talentos que assumirem papéis de liderança terão uma ferramenta que poderá auxiliá-los nesse processo de formação de seu julgamento.

Estamos deixando para trás uma era em que o valor de um profissional era medido por sua capacidade de executar tarefas mecânicas com resistência física ou mental. Antes, fazíamos muitas coisas que hoje, simplesmente, é inaceitável continuarmos fazendo manualmente. Perder horas com a burocracia dos dados ou com a repetição de textos é um anacronismo.

A inteligência artificial não vem para destruir o emprego, mas para elevá-lo. O verdadeiro risco de exclusão profissional não reside na tecnologia em si, mas na teimosia de ignorá-la. Aqueles que compreenderem que o software deve ser um copiloto diário para liberar tempo e potencializar seu discernimento liderarão as empresas do futuro.

(*) **Cofundador e CTO da Humand, liderando o desenvolvimento tecnológico da plataforma que conecta mais de dois milhões de colaboradores em todo o mundo.**

Americanos destroem drones de traficantes usando laser

Nos últimos dias de agosto, o Exército dos Estados Unidos derrubou três drones suspeitos de operar a serviço de traficantes mexicanos. Segundo a CBS News, os drones foram abatidos por um sistema de armas chamado “Army Multipurpose High Energy Laser System”.

Vivaldo José Breternitz (*)

Segundo o major-general Curtis Taylor, que exerce um comando na fronteira sul dos Estados Unidos, os cartéis mexicanos estão cada vez mais usando drones para facilitar o tráfico de drogas e de pessoas, especialmente vigiando as forças militares e de segurança que operam na fronteira entre os dois países.

Ainda não está claro se os drones foram abatidos em espaço aéreo americano ou mexicano. Um porta-voz do Exército americano afirmou apenas que a operação foi conduzida “em coordenação com todos os parceiros que atuam na fronteira”.

Essa não é a primeira vez que armas a laser são utilizadas para tentar proteger o espaço aéreo dos EUA. Em fevereiro, em uma operação similar, militares americanos empregaram tecnologia laser para derrubar o que acreditavam serem drones de traficantes, operação que causou enormes transtornos ao exigir o fechamento repentino de um grande aeroporto comercial; aos transtornos, somou-se o vexame, quando descobriu-se que os “drones” eram apenas balões de festa.

Algumas semanas depois, mais uma trapalhada: outro ataque resultou na destruição de um drone, mas que pertencia **às autoridades de fronteira dos EUA**, enão a cartéis mexicanos. Desta vez, o Exército



sam_eder_CANVA

não divulgou detalhes adicionais, alegando razões de segurança operacional.

O uso de lasers para defesa aérea não é exclusividade dos EUA. O Reino Unido anunciou que instalará seu sistema DragonFire em navios de sua Marinha até 2027. Já a China desenvolveu uma versão portátil, do tamanho de uma mochila, capaz de atingir alvos a até 500 metros de distância.

Esses sistemas são muito mais baratos de operar do que os tradicionais, pois cada disparo custa cerca de US\$ 13, contra milhares ou até milhões de dólares de

um míssil convencional. Essa diferença de custos torna a tecnologia baseada em lasers mais viável para enfrentar drones, cuja eficácia em campos de batalha tem ficado clara na guerra da Ucrânia.

Curiosamente, civis dispostos a gastar cerca de mil dólares podem adquirir versões simplificadas de sistemas de defesa a laser, não para enfrentar cartéis, mas para proteger suas casas contra insetos voadores.

(*) **Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo, é professor, consultor e diretor do Fórum Brasileiro de Internet das Coisas – vjnit@gmail.com.**

Agentes de IA ganham autonomia e redefinem gestão de processos nas empresas

Número de agentes no ecossistema Microsoft 365 cresceu 15 vezes em um ano e mostra avanço da tecnologia sobre fluxos completos de trabalho.

A inteligência artificial está deixando de servir só para tarefas pontuais e começa a assumir atividades cada vez mais amplas dos processos empresariais. Um dos sinais dessa virada aparece no Work Trend Index 2026, da Microsoft: o número de agentes ativos no ecossistema Microsoft 365 cresceu 15 vezes em um ano e, entre grandes empresas, 18 vezes.

O levantamento ouviu 20 mil usuários de IA em 10 países e mostra que 66% deles conseguem dedicar mais tempo a trabalhos de maior valor com o uso da tecnologia. Uma análise de mais de 100 mil conversas no Microsoft 365 Copilot apontou ainda que 49% das interações já envolvem atividades cognitivas, como analisar informações, resolver problemas e pensar de forma criativa.

Os números indicam uma mudança na forma como a IA entra nas empresas. Em vez de só responder perguntas, redigir textos ou organizar informações sob comando de um profissional, os agentes digitais passam a executar sequências de tarefas, acompanhar processos e levar a uma pessoa apenas as etapas que exigem análise, decisão ou aprovação.

"Estamos saindo de uma lógica em que a inteligência artificial era acionada para resolver uma demanda específica e entrando em um cenário em que ela passa a fazer parte do fluxo de trabalho. A discussão agora é quais etapas podem ser delegadas à tecnologia e em quais momentos a participação humana é indispensável", afirma Abraão Osher, CEO da DNAfy, empresa de tecnologia especializada em infraestrutura de Inteligência Operacional Agêntica.

A mudança pede uma revisão dos próprios processos. Ao delegar etapas de uma operação a agentes de IA, a empresa precisa definir quais informações poderão ser acessadas, quais ações podem ser executadas de forma automática em quais atividades será necessária a supervisão humana.



Magnific

Na prática, os efeitos já aparecem em operações tradicionais. A Belliótica, rede de varejo óptico fundada em 1985 e com 11 unidades na Baixada Santista, passou a usar a tecnologia nas áreas comercial, de gestão de produtos e de análise de clientes.

A empresa já tinha um sistema de gestão, mas parte dos dados das lojas ainda precisava ser exportada para planilhas, consolidada e analisada manualmente. Com a mudança, os relatórios comerciais passaram a reunir automaticamente informações como ticket médio, descontos, quantidade de itens por orçamento e desempenho de lojas e vendedores.

Os dados de vendas também passaram a orientar a reposição de produtos e o acompanhamento de campanhas, enquanto a base de clientes ganhou análises sobre marcas, frequência de compra, lojas e comportamento de consumo.

"O que mudou não foi só a forma de acessar os dados, mas a velocidade com que conseguimos transformá-los em informação para a gestão. Antes, havia um trabalho importante de consolidação e tratamento. Hoje, conseguimos direcionar mais energia para entender os cenários e tomar decisões", afirma Thainara Ferreira, gerente da Belliótica.

O caso ajuda a mostrar a diferença entre automatizar uma tarefa e delegar parte de um processo. No primeiro modelo, a tecnologia permite fazer mais rápido algo que já existia. No segundo, o próprio fluxo de trabalho é reorganizado para que determinadas etapas sejam executadas pelo sistema.

Para Osher, é nesse redesenho que mora uma das maiores oportunidades para as empresas. "O ganho mais relevante não está apenas em fazer a mesma coisa mais rápido. Quando os dados chegam organizados e as atividades repetitivas são executadas automaticamente, as pessoas podem concentrar mais tempo na interpretação, na estratégia e nas decisões que movimentam o negócio", diz.

A autonomia dos agentes, porém, aumenta também a necessidade de governança. Os sistemas conseguem organizar informações, identificar padrões, executar tarefas e sugerir caminhos, mas objetivos, níveis de acesso, critérios de decisão e pontos de supervisão continuam sendo definidos pela empresa.

"A pergunta deixa de ser apenas 'onde podemos colocar inteligência artificial?' e passa a ser 'como queremos que o trabalho aconteça?'. O agente pode executar uma parte importante do processo, mas estratégia, objetivos e responsabilidade continuam sendo humanos", afirma Osher.

O avanço dos agentes digitais sugere que a próxima etapa da adoção de IA nas empresas vai além da produtividade individual. A tecnologia começa a entrar na própria estrutura da operação, e as organizações passam a decidir não só quais ferramentas usar, mas quais processos podem ser delegados e quais decisões precisam continuar nas mãos das pessoas.



News@TI

Inteligência artificial além da adoção tecnológica

Uma nova empresa brasileira de inteligência artificial chega ao mercado com a ambição não apenas de disputar espaço em um dos segmentos mais aquecidos da tecnologia, mas de criar uma nova categoria dentro dele. Lançada oficialmente em agosto, a WeCogno se apresenta como uma cognitech, conceito que combina inteligência artificial, ciência de dados e conhecimento especializado para transformar grandes volumes de informação em aumento de receita e redução de custo. A companhia parte de uma constatação de que, depois de anos investindo na coleta e organização de dados e, mais recentemente, em inteligência artificial, muitas empresas ainda enfrentam dificuldades para transformar essa infraestrutura em ganhos concretos de receita, eficiência e redução de risco. É esse problema que a WeCogno quer atacar.

 José Hamilton Mancuso (1936/2017) Responsável: Lilian Mancuso	Laurinda Machado Lobato (1941-2021)	José Leonil Lobato (1939-2026)
Editorias <i>Economia:</i> Nelson Tucci (nelson.tucci@netjen.com.br) <i>Mercado/Negócios/Tecnologia/Agronegócios/ Espaço empresarial:</i> Ricardo Souza (ricardosouza@netjen.com.br); <i>Livros:</i> Ralph Peter (ralphpeter@agenteliterarioralph.com.br) <i>Comercial:</i> comercial@netjen.com.br <i>Publicidade Legal:</i> lilian@netjen.com.br	<i>Webmaster/TI:</i> Fabio Nader; <i>Editoração Eletrônica:</i> Ricardo Souza. <i>Revisão:</i> Maria Cecília Camargo; <i>Serviço informativo:</i> Agências Brasil, Senado, Câmara, EBC, ANSA. Artigos e colunas são de inteira responsabilidade de seus autores, que não recebem remuneração direta do jornal.	Jornal Empresas & Negócios Ltda Administração, Publicidade e Redação: Rua Joel Jorge de Melo, 468, cj. 71 – Vila Mariana – São Paulo – SP – CEP.: 04128-080 Telefone: (11) 3106-4171 – E-mail: (netjen@netjen.com.br) Site: (www.netjen.com.br). CNPJ: 05.687.343/0001-90 JUCESP, Nire 35218211731 (6/6/2003) Matriculado no 3º Registro Civil de Pessoa Jurídica sob nº 103.
Colaboradores: Ana Luisa Winckler, Carol Olival, Claudia Lazzarotto, Denise Debiasi, Fabiana Monteiro, Geraldo Nunes, Heródoto Barbeiro e Neiva Mendes	ISSN 2595-8410	